

4 Considerações Finais

A presente dissertação se insere no contexto teórico de uma visão da linguagem que é conhecida como *pragmatista*. Em concordância com essa visão, que define a linguagem como uma prática, estão as teorias selecionadas para os estudos deste trabalho. Elas são: (i) a teoria de Austin, que criou o conceito de *atos de fala*, ou seja, para o autor, na linguagem está presente a ação: ao se falar também se realiza uma performance do ato; (ii) a teoria do segundo Wittgenstein, das *Investigações filosóficas*, que considera que a linguagem é uma *forma de vida* e o significado das palavras está no uso.

A essas duas teorias, separadamente, foram pensadas em relação a conceitos da psicanálise de Freud e Lacan. A visão psicanalítica da linguagem também pode ser posicionada como pragmatista. Para a psicanálise, a linguagem é um “lugar” onde entramos e do qual não sabemos sair, ela nos cerca e nos define, é um “bonde andando” que tomamos e no qual seguimos seu caminho. O sujeito, nesse “local”, emergiria provisoriamente estaria na relação entre os significantes que ele “utiliza”; ele seria uma função linguística.

No âmbito desse contexto psicanalítico, primeiro analisei a obra de Austin. Com o auxílio das obras de Derrida e Ana Maria Rudge, foi estabelecida uma crítica aos conceitos austinianos de *contexto* e *intenção*. O contexto foi criticado, principalmente, por implicar uma necessidade extrema de determinação. Foi então trazida a ideia derridiana de um texto desconectado da presença de contextos, com a possibilidade de ser lido fora de contextos exaustivamente determinados.

A obra de Rudge contribuiu sobretudo no que diz respeito à intenção do autor, conceito que Derrida também critica, e cuja crítica foi aqui trazida. Considerando-se principalmente que o autor não tem controle sobre seu texto, a posição que Austin dá à intenção foi posta em cheque. Rudge traz a ideia de colocar em seu lugar a *pulsão*, conceito freudiano de uma força *inconsciente* que nos move. Com isso, passou-se a considerar nos atos de fala o inconsciente, de forma que suas peripécias, como os *atos falhos*, tornaram-se foco nos estudos dos atos de fala. A possibilidade de um ato falho tornou os atos de fala subordinados ao inconsciente.

Os conceitos de *simbólico* e *Grande Outro* foram trazidos à tona também nesse momento do trabalho. O simbólico diz respeito à linguagem, no sentido de linguagem como simbolização. O Grande Outro é a imagem do outro que vive no inconsciente e é dependente do simbólico, é a imagem do outro em que o sujeito se baseia ao pensar em si, sua base de comparação; ele é inconsciente e dependente do simbólico: esses conceitos foram importantes para se pensar a neutralidade de um performativo e reafirmar a importância dos atos de fala para a psicanálise.

No que diz respeito à teoria de Wittgenstein, esses dois conceitos psicanalíticos também foram de extrema importância para os paralelos que aqui tracei. Nessa parte foram importantes as leituras de Helena Martins para estabelecer uma visão wittgensteiniana da linguagem, e de Slavoj Žižek, para pensar a obra de Lacan.

O simbólico foi pensado como uma forma de vida – assim como a linguagem para Wittgenstein – a partir do que Žižek chamou de *sujeito interpassivo* e *sujeito suposto crer*, duas visões do sujeito baseadas em conceitos lacanianos. Esse sujeito foi pensado como um que compreende uma língua, logo, que compreende uma forma de vida, uma prática. Ele foi pensado como uma função linguística, como assujeitado ao simbólico.

Apesar desse assujeitamento, foi colocada a possibilidade de o sujeito ser o ponto em que se pode estabelecer uma relação entre o simbólico / a linguagem e o *real* – este, como definiu Lacan, seria não a realidade que nos cerca, mas tudo aquilo que não pode ser simbolizado. Essa possibilidade tira o sujeito de uma posição completamente submissa e dá a ele um posicionamento um pouco mais ativo; não um senhor da linguagem, mas também não um completo vassalo. Porém, esse posicionamento foi visto de forma rápida, sem aprofundamento, apenas como colocação.

O que foi o foco do trabalho foi estabelecer posições em que se pode com a psicanálise pensar a filosofia da linguagem. Com a psicanálise engrandecer outra área do pensamento, refletindo a relevância da psicanálise como forma de pensar e agir.